

ESCOLA, DESIGUALDADES SOCIAIS E DEMOCRACIA: AS CLASSES SOCIAIS E A QUESTÃO EDUCATIVA EM PIERRE BOURDIEU

José Manuel Mendes* e Ana Maria Seixas**

Este artigo aborda a teoria do espaço social em Pierre Bourdieu, procurando explicitar o papel crucial dos sistemas de ensino e do capital cultural na reprodução das desigualdades sociais nas sociedades capitalistas avançadas. É privilegiada uma perspectiva crítica, mas construtiva, dos fundamentos desta teoria que permitam pensar e construir um mundo comum mais igualitário e democrático.

1. Introdução

Apesar de na sua auto-socioanálise Pierre Bourdieu só se concentrar no seu percurso universitário e académico, deixando em silêncio a formação escolar inicial que, não obstante as suas origens sociais, o fez trilhar uma trajetória pessoal e social coroada de sucesso (Bourdieu, 2001a: 184-220)¹ a escola figura em toda a sua análise sociológica como o ponto fulcral das dinâmicas de reprodução social e de dominação simbólica. Como o afirma em *La Misère du Monde*, quando analisa num pequeno capítulo, que em muitas passagens assume tons surpreendentemente psicanalíticos, as contradições da transmissão

* Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

** Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

¹ Desde uma escola primária na região de Béarn até ao liceu Louis-le-Grand de Paris e à École Normale Supérieure. Para um primeiro exercício de auto-socioanálise do autor, ver Bourdieu (1997: 44-53)

da herança, esta « () depende sobretudo, para todas as categorias sociais (mas em graus diferentes) dos veredictos das instituições de ensino, que funcionam como um *princípio da realidade* brutal e poderoso, responsável, como resultado da intensificação da concorrência, de muitos falhanços e decepções» (1993a: 711, itálicos no original).

O veredicto da escola e o sucesso escolar mostram-se como essenciais na sucessão familiar bem sucedida. A escola e a família aparecem como duas instituições aliadas, como cúmplices no processo de reprodução social das famílias e, por conseguinte, no processo de reprodução social alargada. Os descendentes que falham o projecto parental de sucessão, duplicado nos sinais de fracasso que emite a escola, submetem-se às sanções das duas instituições, variando o efeito da escola conforme a representação que as diferentes categorias sociais têm da mesma.

Neste artigo começamos por apresentar a teoria de Pierre Bourdieu sobre a estrutura do espaço social e os conceitos centrais para se perceber a dinâmica e a transformação desse mesmo espaço. Numa segunda secção abordamos, de forma mais aprofundada, as relações das diferentes classes sociais e fracções de classe com o sistema de ensino e a importância deste nas estratégias activadas por aquelas para assegurarem a sua reprodução social. Na secção conclusiva debatemos, de forma crítica, os pressupostos do que chamamos de dilema democrático em Pierre Bourdieu.

2. A estrutura do espaço social

Pierre Bourdieu denomina a sua análise do espaço social de estruturalismo construtivista ou construtivismo estruturalista. Com isto Bourdieu pretende afirmar que há no mundo social estruturas objectivas, independentes da consciência e vontade dos agentes, que constroem e orientam as suas práticas e representações (vertente estruturalista); e que há uma génese social dos esquemas de percepção, de pensamento e das estruturas sociais, nomeadamente dos campos e dos grupos sociais (vertente construtivista) (1987a: 147). A sua ideia central é que a verdade da interacção social nunca está na forma como esta se apresenta à observação, sendo que as representações e os pontos de vista

devem ser sempre reportados à posição dos agentes na estrutura social. As diferentes práticas e representações dos indivíduos adquirem uma certa integração e estabilidade pelo efeito do *habitus*, entendido como «sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, enquanto princípios geradores e organizadores de práticas e representações» (1980: 88). Esta coerência das práticas remete para a noção de estratégia, entendida como um conceito que permite «() reintroduzir o agente socializado (e não o sujeito) e as estratégias mais ou menos automáticas do sentido prático (e não os projectos ou os cálculos de uma consciência)» (1987a: 79).

A estratégia é, assim, a relação inconsciente entre um *habitus* e um campo, estando objectivamente orientada para um fim que pode não ser aquele que é definido subjectivamente. Mas, Bourdieu alerta para o facto da reprodução quase perfeita do sistema social só acontecer quando as condições de activação das estratégias são idênticas ou homotéticas às da formação inicial do *habitus*. O desfasamento entre essas condições cria a incerteza (o denominado efeito D. Quixote) que pode levar à inadaptação ou à adaptação, à resignação ou à revolta dos agentes sociais (1980: 104-105).

Segundo Bourdieu, as estratégias de reprodução social, entendidas como um sistema de práticas conscientes ou inconscientes, através das quais os agentes procuram conservar ou aumentar o seu património, tendo por objectivo manter ou melhorar a sua posição no espaço social, dependem do volume global de capital familiar (capital económico, cultural e social²) da estrutura desse património (importância ou peso relativo de cada um dos seus componentes) e do estado do sistema dos instrumentos de reprodução (Bourdieu, 1979: 145)³.

² Bourdieu define capital como «uma relação social isto é, uma energia social que só existe e produz os seus efeitos no campo onde se produz e reproduz» (1979: 127). Por capital social, Pierre Bourdieu entende todo o conjunto de recursos, actuais e potenciais, que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento. O capital social é irredutível às diferentes espécies de capital porque a posição do agente individual depende também do volume de capital dos diversos grupos a que pertence (1989: 418).

³ Por estado do sistema dos instrumentos de reprodução, institucionalizados ou não (leis sucessórias, sistema educativo, mercado matrimonial, etc.), Bourdieu entende a definição dominante, num dado momento, das maneiras legítimas de transmitir aquilo que é definido como legitimamente transmissível.

As estratégias aplicam-se em diferentes momentos do ciclo de vida, segundo um processo irreversível e cronologicamente articulado. As estratégias podem ser de vários tipos: de fecundidade, matrimoniais, educativas, económicas e mesmo simbólicas ou de sociodiceia, estas últimas próprias das classes dominantes visando legitimar o fundamento da sua dominação (Bourdieu, 1989: 386-390).

O espaço social global subdivide-se em campos (económico, social, educacional, cultural, político, literário, etc.) e em todos estes campos encontramos uma luta, com formas e leis de funcionamento próprias, à volta de interesses específicos, sendo que o capital específico de cada campo vale nesse campo, e só em certas condições é convertível noutra espécie de capital (Bourdieu, 1989: 134)⁴. Todos os que participam na luta contribuem para a reprodução do jogo, e a crença e o reconhecimento no valor do jogo advêm do investimento dos agentes e do seu custo, o que nos remete para o axioma do interesse (Bourdieu, 1984: 113-120). O interesse é a condição de funcionamento de um campo e produto desse funcionamento. Há tantos interesses quantos os campos que existem, e aqueles são variáveis no tempo e no espaço. Metodologicamente, o limite de um campo é o limite dos seus efeitos, ou seja, um indivíduo ou uma instituição fazem parte de um campo se nele sofrem ou produzem efeitos (Bourdieu, 1989: 31), não esquecendo que há transferência de energia entre os campos e o poder possuído num campo pode ser potenciado noutro.

O espaço social ou o campo social global é, para Bourdieu, multidimensional, sendo todos os agentes e os grupos de agentes definidos pelas suas posições relativas nesse espaço, isto é, as propriedades atribuídas aos agentes (condição social) só são compreensíveis pela relações objectivas que estes estabelecem com outros agentes e grupos sociais (posição social). Faz-se apelo a uma análise relacional, que define as propriedades actantes no espaço social e que pode ser

Qualquer mudança na relação entre o património familiar e o sistema dos instrumentos de reprodução vai implicar uma reestruturação das estratégias de investimento do grupo familiar, levando a uma reconversão das espécies de capitais possuídos noutro tipo de capitais, mais rentável e legítimo no estado considerado dos instrumentos de reprodução (Bourdieu, 1989: 392-394).

⁴ Para um inventário exaustivo das principais características dos campos em Bourdieu, ver o artigo de Bernard Lahire (1999).

considerado como um campo global de forças, como um conjunto de relações de forças objectivas e irredutíveis às intenções e interacções entre os agentes

O espaço social global estrutura-se segundo dois eixos centrais (Bourdieu, 1979: 119-126): o volume de capital (sobretudo o capital económico e o capital cultural) e que define as diferenças interclasses; e a estrutura ou composição relativa desse capital (dominante de capital económico ou dominante de capital cultural). A composição do capital possuído permite delimitar as diferenças intraclasses, ou seja, a distinção entre fracções de classe dominantes e fracções de classe dominadas⁵. A acrescentar a estes dois factores cruciais, há que atender à trajectória social, individual e colectiva, que define o leque de possíveis para cada indivíduo e para cada classe e fracção de classe⁶.

Com a sua tipologia das classes sociais, Pierre Bourdieu pretende ir para além das propostas marxistas e da estratificação social. O seu objectivo é « () construir a *classe objectiva* como o conjunto de agentes que têm condições de existência homogéneas, impondo condicionamentos homogéneos e produzindo sistemas de disposições homogéneas próprios para engendram práticas semelhantes, e que possuem um conjunto de propriedades comuns, propriedades *objectivadas*, por vezes juridicamente garantidas (como a posse de bens ou de poderes) ou *incorporadas* como os *habitus* de classe (e, em particular, os sistemas de esquemas classificatórios)» (Bourdieu, 1979: 112, *italicos no original*)⁷.

A classe social não se reduz à simples localização nas relações sociais de produção, à posição no campo económico, embora a teoria de Bourdieu assente numa definição em termos de poder e de privilégio. Reconhecendo que os outros

⁵ Pierre Bourdieu define três grandes classes sociais: a burguesia, que também denomina de classes superiores ou dominantes; a pequena burguesia; e as classes populares. Dentro de cada uma destas classes, conforme a composição relativa do capital, são definidas fracções de classe, basicamente construídas a partir de categorias sócio-profissionais elaboradas pelo organismo nacional de estatística francês.

⁶ Pierre Bourdieu (1979: 35, nota 29) define a trajectória social de cada indivíduo como sendo constituída pela evolução na vida de ego do volume de capital (estacionário, crescente ou decrescente), do volume de cada espécie de capital, do volume e da estrutura dos patrimónios do pai e da mãe e do peso respectivo de cada espécie de capital e, finalmente, do volume e estrutura do capital dos avós paternos e maternos.

⁷ Para Bourdieu, o *habitus* de classe é o *habitus* individual no que exprime ou reflecte da classe social. O *habitus* individual é uma variante estrutural dos outros *habitus*, um desvio em relação ao estilo próprio de uma época ou de uma classe social (1980: 101).

campos (cultural, político, educacional, etc.) têm relações de homologia estrutural e relações de dependência causal com o campo econômico (sobredeterminação?) (Bourdieu, 2001c: 316), as lutas simbólicas em cada um dos campos e entre os campos restitui uma dinâmica social complexa irreduzível a qualquer análise unidimensional. Para Bourdieu, que tanta importância dá ao capital simbólico enquanto poder reconhecido, isto é, como reconhecimento, institucionalizado ou não, do poder de um dado grupo, classe ou fração de classe (idem, 2001b: 107-108)⁸, não se pode opor à classe social das teorias marxistas o *Stand* weberiano⁹. Com efeito, « (...) o *Stand* weberiano, que alguns gostam de opor à classe marxista, é a classe construída por um recorte adequado do espaço social quando esta é apercebida segundo as categorias derivadas da estrutura do espaço social» (idem, 2001c: 305). O capital simbólico ou distinção deriva do reconhecimento e desconhecimento da estrutura social e da sua reprodução por parte dos agentes sociais.

A teoria das classes sociais de Bourdieu é uma teoria agonística, onde os campos do espaço social global são perpassados por lutas permanentes de classificação, desclassificação e reclassificação, pelas estratégias dos indivíduos, dos grupos, das classes e das frações de classe para manterem a sua posição social relativa ou para ascenderem a uma posição social superior. A grande inovação desta teoria, iniciada em 1964 com a publicação da obra *Les Héritiers*, é a importância atribuída ao capital cultural, que engloba o capital cultural herdado e o capital cultural adquirido através do sistema de ensino. A escola vai emergir, nas formulações teóricas de Bourdieu, como o mecanismo central de legitimação das diferenças de classe, como uma forma reconhecida e desconhecida de reprodução da estrutura social.

Bourdieu recusa também o realismo analítico de outras teorias das classes sociais, afirmando que as classes definidas pelos investigadores mais não são do que classes no papel, muito diferentes das classes mobilizadas, que exigem

⁸ O capital simbólico mais não é do que a distinção, definida como a diferença inscrita na própria estrutura do espaço social e apercebida segundo categorias atribuídas a essa estrutura (2001c: 305).

⁹ Bourdieu mantém-se próximo da definição original de Weber, que entende o *Stand* numa lógica análoga à ordem ou estado do Antigo Regime, como comunidades normalmente amorfas assentes na estíma social específica, positiva ou negativa, da honra atribuída a alguma qualidade comum a muitas pessoas (Weber, 1984: 685-692). Para a transmutação do conceito de *Stand* em grupo de *status* através da sociologia americana, ver a pertinente análise de Morton Wenger (1987).

tudo um trabalho de representação e de delegação política e simbólica (idem, 2001c: 296-300) No entanto, a análise exaustiva dos estilos de vida das diferentes classes e fracções de classe levada a cabo por Bourdieu em *La Distinction*, entendendo os estilos de vida como indicadores indirectos das propriedades de classe, e até pelas fotografias que ilustram os seus argumentos, acaba por delimitar e, dizemos nós, reificar, de forma clara e concreta as divisões sociais presentes no espaço social francês

A teoria de Bourdieu levanta também alguns problemas na análise da acção social A sua famosa fórmula [(*habitus*) (capital) + campo = práticas] (Bourdieu, 1979: 112) parece indiciar que cada contexto de acção social se pode transformar num campo¹⁰ Sendo os campos caracterizados por lutas pela dominação simbólica no seu interior, os campos parecem abarcar somente, como bem salienta Bernard Lahire (1999: 35), os domínios de actividade profissional, excluindo todos os indivíduos que não estão inseridos no mercado de trabalho A teoria aplica-se só às actividades que são portadoras de um mínimo de prestígio social, e que por isso justificam a luta simbólica num dado campo, excluindo todas as actividades profissionais pouco ou nada valorizadas no espaço social

Alguns autores enfatizam que a fraqueza do modelo de Bourdieu está nele postular uma homologia estrutural dos campos, o que facilita, por conseguinte, a reprodução da posição dos agentes nos diferentes campos Contudo, Bourdieu ao definir o espaço social como multidimensional, referindo que os agentes sociais pertencem a vários campos, prevê a hipótese de essa pertença múltipla poder conduzir a interesses contraditórios e, por vezes, dificilmente conciliáveis Um determinado tipo de capital não é automaticamente convertível noutra tipo de capital, e há todo um trabalho de conversão, reconversão e legitimação simbólica A luta entre a ortodoxia e a heterodoxia de cada campo conduz à emergência de interesses alternativos, embora sem nunca colocar em causa os fundamentos do próprio jogo Concomitantemente, os efeitos de trajectória também produzem interferências na relação entre a classe social e as visões do mundo individuais (Bourdieu, 1979: 124)

¹⁰ Para Bernard Lahire (1999: 37) a teoria de Bourdieu, de base universal, corre o risco, com esta definição restrita de campo (todo o contexto é um campo), de se tornar uma teoria regional ou um conjunto de teorias regionais adstritas a cada campo

Outros autores referem que o conceito de *habitus* confunde e engloba duas racionalidades totalmente distintas: a da integração cultural e a da acção estratégica. A acção estratégica fica totalmente submetida à lógica da integração cultural, desaparecendo por completo a tensão criadora existente entre as duas (Dubet, 1994: 184). A noção de estratégia em Bourdieu, ao remeter para ajustamentos automáticos e inconscientes, não permite uma análise do imperativo de justificação dos actores sociais, ou seja, o acordo activo que as pessoas dão às situações, o trabalho que devem realizar de forma a conseguirem a construção do mundo social aqui e agora, dar-lhe sentido e um mínimo de sustentação (Boltanski, 1990: 73). A base material dos campos e a luta constante entre os grupos sociais não permitem também introduzir, no modelo da motivação da acção, o papel das emoções e dos esquemas simbólicos (Alexander, 1995: 152). A natureza da mediação, a constituição dos actores, ou seja, a complexidade múltipla das suas identidades e a coordenação de actividades não são também suficientemente abordadas por Bourdieu (Calhoun, 1995: 155). O pressuposto da estrutura social como originada numa relação de desconhecimento, e por isso de reconhecimento da ordem social, torna difícil a compreensão das lógicas de acção que não sejam racionais e desprovidas de qualquer ganho, e mesmo as actividades de solidariedade, de desprendimento, acabam por ser reportadas a motivos e lógicas inconscientes de reforço do poder¹¹.

A crítica que Bourdieu avança contra as teorias da mobilidade social (1989: 191), relembrando que o espaço social deve ser entendido como campo de forças estruturado e de efeitos globais e específicos em cada campo, mas actuando de forma conjunta, tem pertinência porque não se trata de analisar a transmissão directa de património ou capital cultural, mas a reprodução da configuração geral das posições de classe¹². Embora crítico das análises multivariadas, porque para Bourdieu são redutoras da complexidade do espaço

¹¹ O próprio aparelho conceptual de Bourdieu, perpassado por um forte economicismo, visível nos conceitos de capital, lucro, investimento, taxa de conversão dos capitais, etc., impede uma visão alternativa da realidade social que permita utilizar conceitos como solidariedade, cooperação, confiança, desinteresse, dedicação, etc.

¹² Para uma apresentação exaustiva das teorias da mobilidade social e a elaboração de uma proposta analítica e metodológica alternativa, baseada na teoria das classes de Pierre Bourdieu, ver Rodriguez (1989).

social, este incorpora nos seus escritos a ideia de uma escala vertical, pautada por deslocações ascendentes, estacionárias e descendentes e por deslocações transversais no espaço social (Bourdieu, 1979: 146) A aceitação desta ideia comum de hierarquia e de escala social acaba por reproduzir e legitimar as diferenças estabelecidas pelos actores nas suas interacções quotidianas. Se as classes são classes no papel, como vimos mais atrás, melhor seria falar de deslocações topológicas entre lugares de classe abstractos e não de movimentos em escalas sociais construídas a partir das categorias socioprofissionais utilizadas pelos organismos de estatística, que reificam e constroem as diferenças no espaço social, como aliás bem o demonstrou o próprio Bourdieu

A recusa da análise multivariada por parte de Bourdieu, que permite precisar o efeito líquido das diferentes espécies de capital (económico e cultural) nas trajectórias sociais dos indivíduos, não é acompanhada de uma proposta analítica alternativa. Aquele atém-se ao uso de quadros de dupla entrada que medem a mobilidade absoluta mas não as probabilidades relativas de mobilidade social, não possibilitando a verificação empírica do peso relativo do capital económico e do capital cultural na reprodução das desigualdades sociais

Apesar destas limitações, a teoria das classes de Bourdieu constitui um marco crucial na análise das desigualdades sociais nas sociedades desenvolvidas¹³. A sua atenção à conjugação factorial do capital económico e do capital cultural permite-nos aquilatar das transformações mais significativas nas estruturas sociais das sociedades industriais avançadas¹⁴. E o que assistimos nas últimas décadas nestas sociedades é ao intensificar da tendência definida por Bourdieu, em que as transformações da relação entre as classes sociais e o sistema de ensino levou à explosão escolar e à transformação concomitante da estrutura social (Bourdieu, 1979: 147). Para Bourdieu, «a generalização do reconhecimento atribuído ao título escolar teve por efeito unificar o sistema oficial

¹³ A teoria das classes sociais de Bourdieu, e a sua ênfase no capital cultural para a definição das fracções de classe, só tem aplicação directa em países com níveis relativamente elevados de escolarização e de alfabetização

¹⁴ Embora atribuindo um papel central ao capital cultural na reprodução das hierarquias sociais nas sociedades industriais avançadas, contra o economicismo das análises marxistas, o próprio Bourdieu reconheceu que nos casos dos EUA e da França o capital económico teria um peso mais determinante que o capital cultural nessa dinâmica de reprodução (1987b: 3-4)

de títulos e qualidades que dão direito à ocupação das posições sociais, reduzindo os efeitos de isolamento, ligados à existência de espaços sociais dotados dos seus próprios princípios de hierarquização» (1979: 151)

Esta tendência forte é também confirmada por Gøsta Esping-Andersen que, no âmbito do seu estudo sobre a estrutura de classes das sociedades pós-industriais, conclui que a formação de classes pós-industrial depende dos padrões de acesso e do sucesso educativo, e que serão necessárias medidas activas no campo educativo que democratizem e diminuam o perigo de fechamento no topo da estrutura de classes (1993: 239-241)¹⁵

O esforço mais consistente para avaliar da importância relativa do capital económico e do capital cultural nas trajectórias sociais nas sociedades capitalistas é o de Erik Olin Wright (1997)¹⁶ Numa análise comparativa entre os Estados Unidos, o Canadá, a Noruega e a Suécia, o autor concluiu que os dois primeiros países se caracterizavam por uma baixa probabilidade relativa de mobilidade intergeracional na dimensão da propriedade, muito superior ao

¹⁵ Para o caso francês dispomos de um estudo recente que procura avaliar da maior ou menor abertura da estrutura social francesa Louis-André Vallet (1999) no seu artigo de balanço sobre a mobilidade social em França de 1953 a 1993, no estrito âmbito teórico e metodológico das teorias da estratificação social, conclui pela existência de uma fluidez social (mobilidade social relativa) quantificada à volta dos 20% (0,5% por ano) para o período em análise Este número indicia uma estrutura social com maior abertura do que o postulado pelas teorias da reprodução social, mas com uma menor abertura do que a prevista pelas formulações de Erik Erikson e John Godthorpe (1993) sobre as sociedades industriais avançadas Mas, infelizmente, o trabalho de Vallet não nos dá resposta às perguntas mais pertinentes no contexto do nosso artigo: qual o papel da escola nesse aumento de fluidez social em França? A democratização do ensino e a crescente escolarização teve ou não efeitos a longo prazo nesse aumento de fluidez social?

O modelo de análise utilizado, que se baseia na tipologia de classes sociais de John Goldthorpe, não permite discernir o efeito líquido das credenciais controlando para o efeito da propriedade E isto porque as categorias definidas são muito heterogêneas e abarcam indivíduos com recursos totalmente distintos Por exemplo, a classe I engloba os funcionários administradores e profissionais de nível superior, os gestores em grandes empresas industriais e os grande proprietários Assim, temos na mesma categoria detentores de capital económico e cultural elevados e detentores de níveis superiores de autoridade e de autonomia administrativa

¹⁶ Erik O Wright define, para as sociedades capitalistas, doze localizações de classe construídas a partir do cruzamento de três dimensões de exploração: a exploração capitalista (baseada no desigual controlo dos meios de produção); a exploração organizacional ou burocrática (desigual controlo de recursos organizacionais) e a exploração por credenciais ou qualificações (desigual controlo de qualificações escassas) (1989, 1997)

fechamento da estrutura social por influência do capital cultural. Na Noruega e na Suécia os efeitos negativos da propriedade na mobilidade intergeracional já eram menores, o que levou Erik O. Wright a avançar a hipótese de que «() quanto mais puramente capitalista é uma estrutura económica menos permeável será a fronteira da propriedade à mobilidade intergeracional» (1997: 200). Apesar desta hipótese reafirmar o princípio central das teorias marxistas, assente no capital económico como principal recurso de exploração e de desigualdade social, estudos posteriores não permitem a confirmação da mesma. Num trabalho realizado por um dos autores deste artigo, que utiliza dados de 1999 do International Social Survey Programme (ISSP) e que se baseia numa análise comparativa da mobilidade intergeracional no Canadá, na Suécia, na República Checa e em Portugal (Mendes, 2001) concluiu-se que, de uma forma geral, o capital cultural se mostrava como o principal obstáculo à mobilidade intergeracional, confirmando plenamente as teses de Pierre Bourdieu, embora com incidências distintas conforme o sexo dos indivíduos e o país de origem¹⁷. Reforçada fica sim a afirmação de que a estrutura social de um país e os padrões de mobilidade intergeracional dependem do percurso histórico desse país e da configuração particular de inserção no sistema capitalista mundial.

A relevância do capital cultural e do sistema de ensino na reprodução das desigualdades sociais nas sociedades desenvolvidas parece justificar, assim, uma incursão mais fina pelas estratégias de cada fracção de classe no seu relacionamento com a escola. Faremos isto no ponto seguinte, seguindo as sugestões de Pierre Bourdieu, que embora utilize como material empírico o caso francês, permite-nos retirar elementos de reflexão pertinentes e de âmbito mais geral.

3. As classes sociais e a escola

Em *Les Héritiers*, publicado em 1964 conjuntamente com Jean-Claude Passeron, Pierre Bourdieu inicia uma série de trabalhos sobre a relação entre o

¹⁷ A primeira aplicação do modelo de Erik O. Wright ao estudo da mobilidade intergeracional em Portugal foi realizada por Mendes (1997).

espaço social e o sistema de ensino. Os autores apresentam, contra as visões meritocráticas e optimistas vigentes na década de 1950, uma análise crítica do papel da escola na reprodução da estrutura de classes, salientando também a forte autonomia da instituição escolar¹⁸. Contra a ideologia do dom natural, e na esteira de Durkheim, Bourdieu e Passeron referem que a aquisição da cultura escolar mais não é do que um processo de aculturação para os jovens oriundos das famílias camponesas, operárias, de empregados ou de pequenos comerciantes (1964: 37). Embora esta obra se concentre na análise do ensino superior, os autores avançam proposições de carácter mais geral que constituem as bases de uma futura teoria do sistema de ensino. O pessimismo geral da obra fica bem retratado nesta afirmação: «() a eficácia dos factores sociais de desigualdade é tal que a igualização dos meios económicos poderia ser realizada sem que o sistema universitário cesse de consagrar as desigualdades, pela transformação do privilégio social em dom ou em mérito individual. Melhor, realizando-se a igualdade formal das oportunidades, a escola poderia aplicar todas as aparências de legitimidade ao serviço da legitimação dos privilégios» (1964: 44).

A teoria formal do sistema de ensino ficou claramente definida na obra conjunta de Pierre Bourdieu com Jean-Claude Passeron, *A Reprodução* (s/d). Aqui os autores procuraram explicitar o sistema de relações entre a escola, enquanto instituição de reprodução da cultura legítima, e as classes sociais que, sob a aparência neutra da comunicação pedagógica, mantêm distâncias desiguais perante a cultura escolar, sendo portadoras de disposições distintas para adquirir e reconhecer esta cultura (s/d: 141). As classes sociais, segundo os autores, são caracterizadas por uma distribuição desigual de capital linguístico escolarmente rentável que a escola, enquanto sistema autónomo, esconde sob uma capa aparente de igualdade formal perante provas e processos de selecção idênticos (s/d: 190). As funções sociais dos sistemas de ensino, para Bourdieu e Passeron, resumem-se bem nesta frase: «() o culto puramente escolar, em aparência, da hierarquia, contribui sempre para a defesa e para a legitimação das hierarquias sociais, na medida em que as hierarquias escolares,

¹⁸ Uma excelente abordagem do contexto intelectual, social e institucional em que esta obra foi elaborada, contra a meritocracia e a visão optimista da escolarização, pode ser encontrada em Masson (2001).

quer se trate da hierarquia dos estabelecimentos e das disciplinas, devem sempre qualquer coisa às hierarquias sociais que tendem a reproduzir (no duplo sentido do termo)». O sistema de ensino favorece certas classes ao «() dissimular a selecção social sob as aparências da selecção técnica e ao legitimar a reprodução das hierarquias sociais pela transmutação das hierarquias sociais em hierarquias escolares» (s/d: 206)

Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, em *A Reprodução*, afirmaram peremptoriamente que a contribuição da escola para a reprodução das diferenças de classes era sobretudo ideológica, ou seja, a legitimação das diferenças na hierarquia escolar, aparentemente igualitária e neutra, mais não era que a certificação social através da pedagogia das diferenças e das desigualdades de classe. Mas, como o precisa Jean-Claude Passeron num texto posterior (1991: 89-109), a eficácia social e simbólica da acção pedagógica como ideologia que dissimula o papel das desigualdades sociais, deriva de um encontro histórico entre duas reproduções distintas: a auto-reprodução da escola e a reprodução social, ou seja, do encontro histórico entre a história social da escola e a história das relações de classe. Não se pode postular, por conseguinte, um hiper-modelo transhistórico de reprodução sociocultural. A cada época histórica e a cada país, embora a lógica geral do modelo possa apresentar semelhanças estruturais, corresponderá uma configuração específica no relacionamento entre estes dois modos de reprodução.¹⁹

A generalização do recurso à escola enquanto instrumento de reprodução, associada às alterações no campo social desencadeadas pelo crescimento económico e pelas transformações concomitantes no sistema produtivo (fenómenos de concentração económica, aparecimento de empresas burocráticas e públicas, desaparecimento de pequenas empresas de carácter artesanal e familiar e, consequentemente, um aumento do peso relativo das fracções de classe assalariadas) é enfatizada por Pierre Bourdieu (1979, 1989). O estado actual do modo de reprodução considerado legítimo, devido quer às transformações no sistema produtivo quer à difusão da crença de igualdade de oportunidades

¹⁹ Passeron para o caso da França situa entre meados do século XIX e meados do século XX o período de ouro da escola burguesa, em que a ilusão meritocrática escolar teve o seu pleno rendimento social e simbólico

sociais nas sociedades industrializadas, privilegia, segundo Bourdieu, o modo de reprodução da componente escolar relativamente ao modo de reprodução puramente familiar. Tal não significa, no entanto, que os dois modos de reprodução não coexistam, principalmente no campo do poder económico.

Os mecanismos de transmissão são duplamente dissimulados no modo de reprodução de componente escolar. A transmissão é mediada pela escola, resultando da agregação estatística das acções isoladas dos agentes sociais e supondo a existência de uma distribuição aleatória dos indivíduos pelos diferentes níveis e vias de ensino. Ora, na realidade esta distribuição não se verifica devido à transmissão directa do capital cultural, o investimento educativo melhor dissimulado e mais determinante socialmente. O sacrifício de alguns dos elementos da classe que a escola serve estatisticamente, e a mobilidade social limitada de outros, contribuem também para ocultar a função de reprodução social do sistema educativo (Bourdieu, 1989: 409-410)²⁰.

A generalização do modo de reprodução de componente escolar, uma gestão familiar da escola como estratégia de reprodução, é simultaneamente causa e efeito de alterações nas relações entre as diferentes classes e fracções de classe e o sistema de ensino. As fracções mais ricas em capital económico, quer das classes dominantes quer das classes médias, recorrem cada vez mais à escola para manter ou melhorar a posição dos seus descendentes no espaço social, dada a dificuldade crescente de uma transmissão directa do capital económico. As estratégias de reconversão de capital económico em capital cultural, por parte destas fracções de classe, vão provocar também uma intensificação dos investimentos educativos das fracções de classe habitualmente utilizadoras da escola para a sua reprodução social, visando manter a posição relativa dos seus títulos escolares e a sua posição relativa no espaço social. A propensão para investir em educação depende, no entanto, quer do peso relativo do capital cultural no património familiar, como do próprio sucesso escolar e do grau em que o sucesso social depende do sucesso escolar (Bourdieu, 1989: 392-393).

A crescente importância do diploma escolar, enquanto credencial e certificado de competências técnicas e sociais ou simbólicas, dando acesso diferen-

²⁰ A eliminação brutal na entrada no ensino secundário substitui-se uma eliminação doce, alicerçada em oportunidades teoricamente iguais para os herdeiros e os não-herdeiros (1989: 409).

cial aos vários mercados de trabalho e, conseqüentemente, determinando as remunerações simbólicas e económicas dos indivíduos, contribui para um aumento da procura de ensino. Se de facto o diploma escolar não garante a todos os seus detentores as mesmas vantagens, valendo o que vale o seu portador, o valor social daqueles que não possuem nem capital social nem capital económico (posse que pode compensar, por vezes, uma eventual falta de capital escolar) encontra-se cada vez mais associado ao seu capital escolar institucionalizado no diploma ou certificado²¹. O capital escolar é a única maneira, para certas classes e fracções de classe, de evitar a regressão social e/ou de melhorar a posição relativa no espaço social.

Passamos, de seguida, a uma análise pormenorizada das estratégias das diferentes classes sociais e fracções de classe em relação ao sistema de ensino como instrumento de reprodução das suas posições sociais.

3.1. As classes dominantes e o sistema de ensino

O longo capítulo que Pierre Bourdieu dedica, na sua obra *La Distinction* (1979), ao gosto e ao estilo de vida da burguesia, classes superiores ou dominantes, descrevendo de forma pormenorizada o uso da escola na reprodução das suas diferentes fracções de classe, é complementado dez anos depois por uma volumosa obra, *La Noblesse d'État* (1989), que pretende demonstrar o papel das grandes escolas e do sistema de ensino superior francês na reprodução geral do campo de poder. Nesta segunda obra, estamos perante uma maior sofisticação argumentativa e uma reflexão teórica mais apurada, assente numa complexa teoria dos campos.

Segundo Bourdieu, o campo do poder é composto pelos seguintes subcampos: económico, político, administrativo, universitário, artístico e intelectual. Estes diferentes subcampos distribuem-se no interior do campo de poder conforme a hierarquia objectiva das espécies de capital, isto é, do capital eco-

²¹ O crescente credencialismo das sociedades industrializadas leva a uma comparação entre as funções do título escolar nestas sociedades e as desempenhadas pelo título nobiliárquico em sociedades de outros tempos (Collège de France/P. Bourdieu, 1987: 108).

nómico e do capital cultural. A distribuição segundo o capital dominante, o capital económico, estabelece uma hierarquia desde o campo económico ao campo artístico, ocupando os campos administrativo e universitário uma posição intermédia. O capital cultural, cruzando o efeito do capital económico, estabelece uma hierarquia inversa, desde o campo artístico até ao campo económico (Bourdieu, 1989: 381-383).

Cada subcampo apresenta uma organização interna homóloga à do campo de poder, estabelecendo uma hierarquia entre um pólo dominante e um pólo dominado²². As posições ocupadas em cada campo dependerão do espaço geral de relações inter e intracampos e das trajectórias individuais e sociais dos seus detentores. A crescente importância do diploma reforça o papel de discriminação social atribuível aos actos de classificação e selecção escolares, assente numa homologia entre os princípios de classificação utilizados nos diferentes campos e os princípios de classificação no campo escolar (idem, 1989: 385).

Pierre Bourdieu define dois modos de reprodução no campo do poder: o modo de reprodução familiar e o modo de reprodução de componente escolar. No primeiro, marcante nas famílias com vasto património, todas as estratégias se subordinam às estratégias económicas. A escola só assume alguma importância se a empresa familiar está ameaçada ou não pode oferecer objectivamente colocação a todos os membros da família (Bourdieu, 1989: 404).

No modo de reprodução de componente escolar, aquele que mais nos interessa analisar no âmbito deste artigo, o título escolar serve de verdadeiro direito de entrada na posição de classe. Aqui, a escola e os grupos sociais constituídos a partir da posse do título²³ substituem a família e as redes de parentesco. Mas, este modo de reprodução caracteriza-se por uma constante estrutural, que é a sobreprodução de detentores de direitos a posições de classe localizadas na burguesia. As vítimas deste modo de reprodução estocástico podem-lhe opor estratégias compensatórias de tipo individual ou estraté-

²² Por exemplo, no campo universitário Bourdieu distingue os detentores dos poderes temporais e os detentores de capital simbólico de reconhecimento. No campo artístico, aponta a oposição entre os artistas com fraco prestígio, mas com lucros económicos significativos, e os artistas de *avant-garde*. No campo económico, Bourdieu realça a diferença entre os padrões familiares e os padrões tecnocráticos (estes últimos com um grande capital escolar e uma sólida herança cultural) (1989: 383).

²³ Bourdieu refere-se aqui aos *grands corps* análogos às ordens profissionais em Portugal.

gias colectivas de reivindicação ou de subversão das hierarquias sociais. E este é um dos principais factores para Bourdieu de transformação das estruturas sociais (Bourdieu, 1989: 410)²⁴. As posições semi-burguesas, resultantes da redefinição de posições antigas ou da invenção de novas posições, acabam por ser uma forma integradora e de absorção dos herdeiros sem títulos escolares e dos não-herdeiros com títulos escolares desvalorizados.

Socorrendo-nos agora do capítulo de *La Distinction* onde Bourdieu descreve as estratégias educativas das diferentes fracções de classe do campo de poder, podemos ter uma ideia mais fina das dinâmicas existentes neste campo e do papel central da escola.

As profissões liberais e os professores do ensino superior, na sua maioria de origem burguesa, distinguem-se dos engenheiros, dos quadros do sector público e dos professores do ensino secundário. Estas últimas fracções de classe são constituídas por indivíduos com trajectórias e de gerações muito heterogéneas, e projectam-se como vias privilegiadas, pela via do êxito escolar, de acesso à classe dominante, embora mantendo posições dominadas no interior do campo do poder.

As profissões liberais, com maior intensidade que os professores do ensino superior, conseguiram manter um fechamento profissional elevado, escapando à história e às divisões geracionais, defendendo eficazmente o acesso aos seus lugares de classe, ou seja, mantendo estratégias eficazes de acumulação de capital cultural, económico e social e de reconhecimento do seu prestígio (Bourdieu, 1979: 337-338).

As transformações da economia, com um crescimento significativo das instituições financeiras e comerciais, permitiram uma apropriação por parte da grande burguesia dos lugares dirigentes na economia e na alta administração do Estado. Esta apropriação derivou sobretudo da reconversão das estratégias escolares da grande burguesia, apostando na formação dos seus descendentes, na sua maioria homens, em grandes escolas científicas e comerciais.

Os engenheiros e os quadros do sector público, que detêm o monopólio

²⁴ Um dos exemplos avançados por Bourdieu é o de Maio de 68 em França. Já em obra anterior o autor se tinha referido à posição social peculiar dos professores do ensino superior, marcada por um desfasamento entre um alto capital cultural e um relativamente baixo capital económico, o que poderia conduzir a uma revolta meritocrática por parte desses professores (1979: 326; 331).

dos instrumentos de apropriação simbólica do capital cultural objectivado em instrumentos e máquinas, ocupam lugares intermédios no campo do poder. Ambas as posições de classe fazem coincidir no seu interior gerações com trajectórias muito distintas. Nos engenheiros, aos mais velhos, oriundos das classes médias e das classes populares que ascenderam por antiguidade ou pela frequência de escolas de segundo plano, juntam-se jovens com origem na burguesia e com formação nas grandes escolas. A posição de quadros, que é constituída por muitos lugares de passagem na estrutura de classes, engloba antigos engenheiros, grandes administradores que progrediram por antiguidade, jovens oriundos das grandes escolas e quadros com novas funções, de gestão ou comerciais, que provêm da velha burguesia e das grandes escolas.

Bourdieu também nos dá conta da emergência de uma nova burguesia, mais presente no sector privado, e que se opõe à tradicional burguesia de negócios. Esta nova burguesia inicia a conversão ética exigida pela nova economia, paupando-se mais por uma moral hedonista e menos por uma moral ascética. A nova burguesia baseia-se por completo no capital escolar, no diploma, e a sua legitimidade social e simbólica assenta numa competição escolar formalmente pura e perfeita, que invisibiliza a influência determinante das suas origens de classe e do papel crucial do capital económico das suas famílias.

Para terminar este ponto, parece-nos interessante referir as considerações avançadas por Bourdieu para a posição social dos intelectuais no interior do campo do poder. Segundo o autor, a aparência de monopólio das práticas culturais por parte dos «velhos» intelectuais deve-se a uma inércia específica das instituições de produção e de difusão cultural, e também do sistema escolar. O desfazamento entre o *habitus* adquirido e a posição de classe produz a ilusão de uma cultura de excelência e desinteressada, fortemente feminina, que se opõe a uma orientação para a nova cultura, a acção, a economia e o poder, lugares mais tipicamente masculinos (Bourdieu, 1979: 361-362).

3.2. As classes médias e o sistema de ensino

As classe médias, como região intermédia do espaço social, são marcadas, para Bourdieu, por um indeterminismo relativo, perpassadas por indivíduos em

ascensão ou em queda social e oriundos de gerações distintas. Uma especial atenção deve ser dada, assim, à idade e à trajectória social dos ocupantes destas posições de classe (1979: 395-396)²⁵

Nas classes médias, ou na pequena burguesia, Bourdieu distingue a pequena burguesia em declínio, a pequena burguesia de execução e a nova pequena burguesia. A primeira, constituída pelas fracções dos artesãos e dos pequenos comerciantes, em regressão numérica e em perda de poder económico e social, não consegue assegurar a sua reprodução. Contudo, Bourdieu salienta que aqueles que habitam em Paris²⁶ e possuem formação escolar profissional ou de nível secundário (artesãos, pequenos comerciantes modernizados, electricistas, mecânicos, etc.)²⁷ com aspirações e trajectórias que os colocam próximos dos técnicos nas suas escolhas éticas, estéticas e políticas, conseguem adaptar-se com relativo sucesso às exigências da nova economia.

Bourdieu considera a pequena burguesia de execução²⁸, pelas suas disposições éticas²⁹, como a realização plena da pequena burguesia e da história do capitalismo. As posições de classe estão, aqui, intimamente associadas aos títulos escolares e a trajectórias individuais de ascensão social dos mais jovens, caracterizados por um franco optimismo pessoal e social. Os mais velhos pautam-se, pelo contrário, e isto devido às suas origens sociais populares e a uma menor posse de títulos escolares, por um conservadorismo mais próximo da pequena burguesia em declínio. Nos mais novos verifica-se uma submissão quase total aos veredictos escolares e à instituição escolar, pois por ela passa todo o sucesso das suas trajectórias e a futura reprodução dos seus lugares de classe.

²⁵ Para uma análise exaustiva das estratégias escolares das diferentes fracções das classe médias, ver Nogueira (1997).

²⁶ A variável geográfica, presente também na análise da burguesia, mostra-se bastante importante na abordagem de Bourdieu sobre as estratégias e trajectórias da pequena burguesia.

²⁷ Bourdieu insere-os na pequena burguesia estabelecida, junto com as fracções da pequena burguesia de execução (ver nota seguinte).

²⁸ A fracções aqui incluídas são os quadros médios administrativos, os empregados, os técnicos e os professores primários.

²⁹ A pequena burguesia de execução em ascensão social pondera o custo relativo de todos os seus investimentos monetários e não monetários, e caracteriza-se por um *habitus* que activa estratégias baseadas no ascetismo, no rigorismo e na disciplina, no juridismo e na propensão para a acumulação de todos os tipos de capital. Tais disposições ficam claramente visíveis nas suas estratégias restritivas de fecundidade (Bourdieu, 1979: 382).

A nova pequena burguesia³⁰, cujas disposições têm plena realização em Paris, comporta lugares de classe em plena expansão numérica, devido às transformações da estrutura social pelo impacto da nova economia. No pólo dominante do capital económico há uma relativa estabilização das trajectórias, marcadas pelo sucesso e dependentes quase por inteiro do sistema de ensino, isto é, da posse de níveis de escolarização médios. No seu pólo cultural³¹, há uma grande heterogeneidade de trajectórias, e nas profissões de apresentação e representação coincidem indivíduos oriundos da burguesia, com capital escolar inferior ao da sua classe de origem mas superior ao das classes médias, com um grande capital cultural de familiaridade e um capital social muito importante, e indivíduos oriundos da pequena burguesia que procuram consolidar as suas precárias posições de classe. Bourdieu refere que aqueles que provêm da burguesia são maioritariamente mulheres, que apostam no ajustamento das suas disposições de classe a uma hipotética vocação estética e de relacionamento social, ou seja, procedem à reconversão do seu capital herdado em capital escolar de indole mais literário (Bourdieu, 1979: 116; 418).

3.3. *As classes populares e o sistema de ensino*

À riqueza e densidade analítica dos estilos de vida e das estratégias das classes dominantes e das classes médias, com uma apresentação complexa e completa das trajectórias das suas diferentes fracções de classe, contrapõe-se uma apresentação monolítica e homogénea das classes populares³². Ao sentido de distinção da burguesia e à boa vontade cultural da pequena burguesia, Bourdieu atribui às classes populares uma lógica de escolha necessária. Nas classes populares a necessidade torna-se virtude, determinando um *habitus* de resignação com um universo fechado de possíveis.

³⁰ As fracções de classe que constituem a nova pequena burguesia são os profissionais dos serviços médico-sociais, os intermediários culturais, os artesãos e os comerciantes de arte, as profissões de secretariado e os quadros médios do comércio.

³¹ Representantes comerciais, publicitários, relações públicas, comerciantes de arte, etc.

³² Estão aqui incluídos os camponeses, os assalariados agrícolas, os contramestres, os operários qualificados, os operadores e os operários sem qualificação.

O sistema de ensino funciona nas classes populares como um operador institucionalizado de classificações, transmutando hierarquias sociais parciais e arbitrárias, em hierarquias totais. O título escolar, pelo desconhecimento das suas determinantes sociais, torna-se um direito da natureza e os veredictos escolares, sobretudo os negativos, apresentam-se como veredictos vitalícios de inadequação e de desadaptação social das classes populares (Bourdieu, 1979: 451-542). Para Bourdieu, a escola primária é o factor essencial de inculcação do reconhecimento sem conhecimento nas classes populares, permitindo a reprodução alargada da estrutura social.

Este universo fechado e quase claustrofóbico das classes populares que nos constrói Pierre Bourdieu não dá conta da grande heterogeneidade real das classes trabalhadoras, da coexistência de diferentes trajectórias individuais e sociais, ascendentes e descendentes, nem da construção de sociabilidades e de vivências alternativas e de resistência, políticas, culturais³³ ou educativas, tanto no passado como no presente. Vários estudos sobre as culturas e as classes populares mostram-nos que este universo é mais aberto do que o apresenta Bourdieu, e que é também menos miserabilista³⁴.

4. O ideal democrático

Nesta última secção procuramos responder de uma forma crítica às seguintes perguntas: qual o ideal democrático em Pierre Bourdieu? Quais os pressupostos em que assenta esse ideal e como pode ser concretizado nas sociedades actuais?

A pertinência destas perguntas decorrem directamente da sugestão de Luc Boltanski de que uma sociologia crítica só adquire eficácia se explicitar o princípio de justiça em que se apoia, clarificando a escala de valores implícita à análise realizada (1990: 50-53). E não concordamos com Cyril Lemieux quando

³³ Bourdieu aponta alguma capacidade de resistência no uso viril e das práticas corporais nas classes populares.

³⁴ Para uma excelente crítica ao miserabilismo na análise das classes populares em Bourdieu, ver Grignon e Passeron (1989: 136-151). Estes autores, sobretudo Claude Grignon, sugerem que se leve a sério a dimensão simbólica das práticas populares e, por conseguinte, da gama de escolhas disponíveis nos comportamentos e nas acções.

afirma que a teoria de Bourdieu, enquanto tal, não permite afirmar se é justo ou não que as desigualdades perante a escola devam ser reduzidas ou aumentadas (1999: 218). E isto porque todo o trabalho teórico e empírico de Pierre Bourdieu procura explicitar os mecanismos e a lógica de dominação nas sociedades desenvolvidas, apontando e denunciando o papel legitimador da escola na reprodução material e simbólica das hierarquias sociais, na reprodução da nova aristocracia ou da nova nobreza, como por vezes lhe chamava.

Pautando-se as análises de Bourdieu por um forte realismo, este considerava que o sistema de dominação, legitimado e reforçado pela autonomia relativa do sistema de ensino, não permitia grandes transformações estruturais, muito menos de cariz voluntarista. Esta visão realista fica bem patente quando Bourdieu afirma no final de *La Misère du Monde*: « (...) se é verdade que a maior parte dos mecanismos económicos e sociais que estão na base dos sofrimentos mais cruéis, sobretudo aqueles que regulam o mercado de trabalho e o mercado escolar, não são fáceis de suspender ou modificar, resta que toda a política que não tire pleno partido das possibilidades, mesmo que reduzidas, que se oferecem à acção, e que a ciência pode ajudar a descobrir, pode ser considerada como culpável de não assistência à pessoa em perigo» (1993b: 944).

Na década de 1990, numa fase de forte intervenção política, Bourdieu tomará como adversário explícito, nos seus escritos, a ideologia neoliberal, defendendo as conquistas históricas dos movimentos sociais, como o direito ao trabalho, a assistência social e a segurança social, através da acção do Estado, nacional e supranacional, defensor do interesse público (1998: 118-119). Qual o papel da escola neste processo?

Mais do que uma instância de transformação e de resistência à ideologia neo-liberal, o sistema de ensino aparece como o principal formatador de disposições dessa mesma ideologia. Citando mais longamente Bourdieu: «O sentimento profundo de insegurança e de incerteza sobre o futuro e sobre si-próprio, que afecta todos os trabalhadores precarizados, deve a sua coloração particular ao facto de que o princípio de divisão entre aqueles que são rejeitados para o exército de reserva parece residir na *competência escolarmente garantida*, que está também na base das divisões, no interior da empresa «tecnicizada», entre os quadros ou os «técnicos» e os simples operários ou os operários não qualificados, novos párias da ordem industrial. A generalização da electró-

nica, da informática e das exigências de qualidade, que obriga todos os assalariados a novas aprendizagens, e que perpetua na empresa o equivalente das provas escolares, tende a acrescentar ao sentimento de insegurança um sentimento, sabiamente mantido pela hierarquia, de *indignidade* (1998: 113) (italicos no original)

Daí que, já em 1985, nas suas propostas para o ensino de futuro, Bourdieu se mostre bastante realista e proponente de pequenas acções que permitam «ser edificado um sistema de ensino tão democrático quanto possível» (Collège de France/Bourdieu, 1987: 103). O que é de reter nessas propostas são as recomendações visando multiplicar as formas de excelência cultural e socialmente reconhecidas, que não somente escolares; contrariar a hierarquização das práticas e dos saberes; atenuar as consequências vitalícias do veredicto escolar; des-sacralizar o título escolar; e estabelecer uma educação contínua e alternativa ao longo da vida (Collège de France/Bourdieu, 1987).

Fica claro que a escola deve contribuir para que cada indivíduo adquira um mínimo cultural comum, garantindo somente um bom ponto de partida, mas não iludindo a lógica real de aprendizagem nem recusando a selecção, porque tal daria a ilusão de uma entrada fictícia (Collège de France/Bourdieu, 1987: 107; 110). Estas afirmações, coerentes com as análises de Bourdieu do sistema de ensino na década de 1970, que recusam qualquer orientação voluntarista na aplicação do conhecimento, conduzem a uma desilusão sobre a possibilidade de reforma social através das políticas educativas (Wagner, 2001: 61). A definição de um mínimo cultural³⁵ não evita que, para além desse nível, continue a imperar uma lógica meritocrática. Bourdieu, um proponente da meritocracia?

Se, como vimos mais atrás, o capital cultural é o factor central na reprodução das desigualdades sociais nas sociedades desenvolvidas, não será possível, pela acção e pela luta política, alterar o estado das coisas? Não será este realismo, e relativo pessimismo, o melhor instrumento de perpetuação das estruturas sociais? Este impasse a que chegamos pela mão de Bourdieu, deriva directamente da sua teoria do social.

Com efeito, para Pierre Bourdieu as transformações sociais ocorrem como consequência das lutas dos indivíduos e das famílias para manterem ou melho-

³⁵ Quem e com que critérios define este mínimo cultural comum?

rarem as suas posições na estrutura social. As classes e as fracções de classe com forte capital cultural investem fortemente na escola e activam estratégias de fechamento no acesso aos títulos e às profissões a que estes dão acesso. As classes e fracções de classe com uma dominante de capital económico associam à reprodução familiar e à transmissão da herança estratégias de reconversão do seu capital económico em capital escolar, devido à crescente importância dos títulos escolares e da certificação pela escola, tornando em parte invisível a continuação da reprodução alargada da estrutura de classes. Neste processo de luta e de reconversão constantes assumem especial relevo as lutas simbólicas de nomeação e de classificação, isto é, as nomenclaturas e as prerrogativas profissionais.

Este agonismo de base individualista e familiar, de indivíduos e famílias que investem em mercados (campos e capitais) competitivos, não permite descortinar e analisar formas colectivas de luta de classes e de resistência à dominação, nem permite explicar as grandes transformações estruturais, e isto paradoxalmente num teórico que nasceu num país marcado definitivamente pela Revolução Francesa (Swartz, 1997: 187-188). A transformação das estruturas é reactiva, derivada do insucesso de reprodução das classes dominantes ou em ascensão, obviando a qualquer análise das lógicas de organização colectiva activa.

Pierre Bourdieu ao rejeitar uma filosofia escatológica da história e o messianismo revolucionário, e ao dar primazia analítica às lutas de classificação, ou seja, ao capital simbólico, não permite que se veja que para além da dominação simbólica está uma dominação material e a exploração pelo capital (Monod, 1999: 244-246). E se as lutas simbólicas são cruciais, o próprio Bourdieu contribuiu para a legitimação da hierarquia social, porque na sua tipologia das classes ao utilizar o termo «classes populares» já está a desqualificar os que aqui estão incluídos. Populares por oposição a refinados, cultos? Em que dimensão? Cultural, estética, vivencial, ética? Se na sua nomenclatura Bourdieu se tivesse referido a classe trabalhadora ou proletária, tal permitiria apreender que o que as caracteriza é a desapossessão dos meios de exploração capitalista.

Cabe, assim, aos cientistas sociais explicitar os princípios de justiça das suas análises e, aceitando as pessoas como estando dotadas de competências e os mundos em que vivem como complexos, manter uma forte vigilância sobre as categorias usadas que não podem desvalorizar ou desqualificar, mas devem

permitir que se pense e se indique alternativas, não se refugiando num realismo cientista ou num fatalismo imobilizador. Não se trata de negar ou ultrapassar as propostas de Pierre Bourdieu, mas sim de concretizar analítica e politicamente as suas recomendações sobre o papel transformador das ciências sociais, tentando construir um mundo comum mais igualitário e democrático.

Correspondência: José Manuel Mendes, Centro de Estudos Sociais, Apartado 3087, 3001-401 COIMBRA

Ana Maria Seixas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação de Coimbra, Rua do Colégio Novo, Apartado 6153, 3001-802 COIMBRA

E-mail: jomendes@sonata.fe.uc.pt e anaseixas@fpce.uc.pt

Referências bibliográficas

- ALEXANDER, Jeffrey (1995) «The Reality of Reduction: The Failed Synthesis of Pierre Bourdieu» *In Fin de Siècle Social Theory: Relativism, Reduction, and the Problem of Reason*. Londres: Verso, 128-217.
- BOITANSKI, Luc (1990) *L'amour et la justice comme compétences: trois essais de sociologie de l'action*. Paris: Métailié.
- BOURDIEU, Pierre (1979) *La distinction: Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1980) *Le sens pratique*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1984) *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1987a) *Les choses dites*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1987b) «What Makes a Social Class? On the Theoretical and Practical Existence of Groups» *Berkeley Journal of Sociology*, 32, 1-18.
- BOURDIEU, Pierre (1989) *La noblesse d'État: Grandes écoles et esprit de corps*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- BOURDIEU, Pierre (1993a) «Les contradictions de l'héritage» *In Pierre Bourdieu et al., La misère du monde*. Paris: Seuil, 711-718.
- BOURDIEU, Pierre (1993b) «Post-scriptum» *In Pierre Bourdieu et al., La misère du monde*. Paris: Seuil, 941-944.
- BOURDIEU, Pierre (1997) *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil.
- BOURDIEU, Pierre (1998) «Le néo-libéralisme, utopie (en voie de réalisation) d'une exploitation sans limites» *In Contre-feux: Propos pour servir à la résistance contre l'invasion néo-libérale*. Paris: Raisons d'Agir, 108-119.
- BOURDIEU, Pierre (2001a) *Science de la science et réflexivité*. Paris: Raisons d'Agir Éditions.
- BOURDIEU, Pierre (2001b) «La formation des prix et l'anticipation des projets», *Langage et pouvoir symbolique*. Paris: Éditions du Seuil, 99-131.

- BOURDIEU, Pierre (2001c) «Espace social e genèse des «classes», *Langage et pouvoir symbolique* Paris: Éditions du Seuil, 293-323
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude (1964) *Les héritiers Les étudiants et la culture*. Paris: Les Éditions de Minuit
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude (s/d) *A reprodução Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Lisboa: Editorial Vega
- CAIHOUN, Craig (1995) *Critical Social Theory*. Oxford: Blackwell
- COLLÈGE DE FRANCE/BOURDIEU, Pierre (1987) «Propostas para o ensino do futuro» *Cadernos de Ciências Sociais*, 5, 101-120
- DUBET, François (1994) *Sociologie de l'expérience*. Paris: Seuil
- ERIKSON, Erik e GOLDTHORPE, John (1993) *The Constant Flux A Study of Class Mobility in Industrial Societies*. Oxford: Clarendon Press
- ESPING-ANDERSEN, Gøsta (1993) «Mobility Regimes and Class Formation» In Gøsta Esping-Andersen (org.) *Changing Classes Stratification and Mobility in Post-Industrial Societies*. Londres: Sage, 225-241
- GRIGNON, Claude e PASSERON, Jean-Claude (1989) *Le savant et le populaire Misérabilisme et populisme en sociologie et en littérature*. Paris: Éditions du Seuil
- LAHIRE, Bernard (1999) «Champ, hors-champ, contre-champ» In Bernard Lahire (org.) *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu Dettes et critiques*. Paris: Éditions La Découverte, 23-57
- LEMIEUX, Cyril (1999) «Une critique sans raison? L'approche bourdieusienne des médias et ses limites» In Bernard Lahire (org.) *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu Dettes et critiques*. Paris: Éditions La Découverte, 205-229
- MASSON, Philippe (2001) «La fabrication des Héritiers» *Revue Française de Sociologie*, 42-3, 477-507
- MENDES, José Manuel (1997) «Mobilidade social em Portugal: o papel da diferença sexual e das qualificações» *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 49, 127-156
- MENDES, José Manuel (2001) «Todos iguais? Uma análise comparada da mobilidade intergeracional e das desigualdades sociais» *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 61, 79-102
- MONOD, Jean-Claude (1999) «Une politique du symbolique?» In Bernard Lahire (org.) *Le travail sociologique de Pierre Bourdieu Dettes et critiques*. Paris: Éditions La Découverte, 231-254
- NOGUEIRA, Maria Alice (1997) «Convertidos e oblatos – um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu» *Escola, Sociedade e Culturas*, 7, 109-129
- PASSERON, Jean-Claude (1991) *Le raisonnement sociologique L'espace non-poppérien du raisonnement naturel*. Paris: Nathan
- RODRIGUEZ, Lorenzo Cachon (1989) *Movilidad social o trayectorias de clase?* Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo Veintiuno de España Editores
- SWARTZ, David (1997) *Culture and Power The Sociology of Pierre Bourdieu*. Chicago: The University of Chicago Press
- VALLET, Louis-André (1999) «Quarante années de mobilité sociale en France I évolution de la fluidité sociale à la lumière de modèles récents» *Revue Française de Sociologie*, XI-1, 5-64
- WAGNER, Peter (2001) «The Mythical Promise of Societal Renewal Social Science and Reform Coalitions» In *A History and Theory of the Social Sciences Not All That Is Solid Melts Into Air*. Londres: Sage, 54-72

- WEBER, Max (1984) *Economia y sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica (7ª reimpressão)
- WENGER, Morton (1987) -Class Closure and the Historical/Structural Limits of the Marx-Weber Convergence. In Norbert Wiley (ed) *The Marx-Weber Debate* Newbury Park: Sage Publications, 43-64
- WRIGHI, Erik Olin (1997) *Class Counts*. Cambridge: Cambridge University Press
- WRIGHI, Erik Olin (1989) *Classes* Londres: Verso